

REQUERIMENTO Número / (.ª)

PERGUNTA Número / (.ª)

Expeça - se

Publique - se

O Secretário da Mesa

Assunto:

Destinatário:

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia da República

A SAÚDE no distrito da Guarda está moribunda.

A miséria e a agonia grassam no setor e só quem não tem noção da realidade não assume que urge adotar-se medidas de emergência.

De acordo com os últimos dados conhecidos e publicados, os tempos de espera no **Hospital da Guarda** para uma consulta externa **de cardiologia** era de 500 dias (cerca de um ano e meio), para uma consulta prioritária e de 1169 dias (quase três anos) para uma consulta normal. Em **dermatologia**, as consultas normais estão a demorar, em média, 475 dias (mais de um ano), as de **neurologia** 214 dias (quase um ano), as de **oftalmologia** 663 dias (sensivelmente 2 anos) e as de **ortopedia** uns obscenos 819 dias (muito mais de 2 anos). Para uma **cirurgia**, o tempo de espera em **ortopedia** é de 260 dias e na especialidade de **otorrino** é de 209 dias.

No **Hospital de Seia**, o cenário é ainda mais calamitoso. O banco de cirurgias, totalmente equipado, está parcialmente desaproveitado, e já se perderam recentemente as especialidades de urologia e pneumologia (outrora em funcionamento), esvaziando-se uma estrutura que é vital para acudir uma população envelhecida e necessitada. Quanto á eficácia da prestação dos serviços, em **oftalmologia** a espera para consultas é de 1537 dias (parece anedótico, mas são cerca de 5 anos...), em **reumatologia** é de 529 dias e em **dermatologia**, quem precisar de ser visto, tem de esperar uns longuíssimos 450 dias. Neste concelho há 9000 pessoas sem médico de família e o Centro de Saúde local, fisicamente degradado e disfuncional, está a rebentar pelas costuras, arriscando ficar sem médicos num curtíssimo prazo e até a fechar portas.

O desinvestimento do Governo é brutal (em 2014 o Estado investiu na ULS da Guarda 5808 milhões de euros e em 2018 apenas 1203 milhões), o desrespeito pelas pessoas é total e este aparente cruzar de braços pode ser fatal.

Por mais floreados e ilusões que se vendam, o panorama só se inverte com a contratação de médicos. Se os concursos abertos, sempre insuficientes e muito espaçados no tempo, ficam vagos, o Governo tem a obrigação de permitir que a ULS contrate profissionais diretamente, dotando-a dos adequados meios financeiros. É mais que tempo de se abandonarem as cativações no setor da saúde e do distrito da Guarda deixar de ser um dos parentes pobres do país nesta e noutras áreas. A coesão territorial não se proclama, pratica-se. Não basta criar-se um Ministério com esse nome, é preciso que se adote medidas efetivas e corajosas. Não chega

prometer-se um admirável mundo novo em campanha eleitoral e logo a seguir esquecer-se essas promessas. As obras de requalificação do Centro de Saúde de Seia têm sido sucessivamente faladas, mas sempre adiadas. Num recente comício que fez na Guarda, o Primeiro Ministro brindou os Guardenses com a boa nova de que desta é de vez. Pela sua boca, todos ficaram a saber que a obra do denominado pavilhão 5 do Hospital da Guarda vai avançar. A verdade é que segundo fontes informadas, o projeto da obra ainda nem sequer está feito e a definição do que se quer também não. Já se projetou um investimento de cerca de 50 milhões de euros, que depois passou para 7 milhões, depois ainda para 4 milhões e agora já se fala em menos de 3 milhões. Espera-se que não seja emagrecer até morrer. De anúncio em anúncio, de projeto em projeto, de evento em evento, de comício em comício, alimenta-se uma dolorosa expectativa que atormenta e desgasta todos e que mais não serve para afastar ainda mais os eleitores dos eleitos, que desagrados respondem, por ora, com uma estrondosa abstenção. A Guarda e o Interior de Portugal não precisam disto. Precisam de certezas e de compromissos sérios. Foi este Governo que em Agosto de 2018, com o país a banhos e quase sem ninguém dar por isso, graduou o Centro Hospitalar da Cova da Beira (Covilhã) como Hospital Universitário. No da Guarda não mexeu, desgraduando-o relativamente àquele. Foi o então Secretário de Estado da Saúde quem, em 2005 e numa outra sua encarnação governativa, reclassificou o Hospital de Viseu em Hospital Central. No da Guarda não mexeu, retirando-lhe importância e centralidade. Feita esta síntese, é tempo da Senhora Ministra se explicar e de esclarecer tudo sem qualquer reserva ou tacticismo neste início do seu novo mandato. Por assim ser, cumpre perguntar-lhe:

- 1. Está ou não o Governo disponível para dotar a ULS da Guarda dos meios financeiros adequados para contratar diretamente médicos para as especialidades que têm uma enorme carência desses profissionais? Em caso afirmativo, quais são as suas prioridades? Em que valências acha que vale a pena 'investir'?**
- 2. Está ou não o Governo apostado em não continuar a esvaziar o Hospital de Seia de mais valências e, em caso afirmativo, que medidas pensa adotar para evitar uma proscrição ainda maior.**
- 3. Pensa o Governo alterar o modelo de gestão do Hospital de Seia, separando-o do Hospital da Guarda e conferindo-lhe a autonomia que agora não tem, como defende o município socialista de Seia?**
- 4. Que posição tem o Governo sobre as obras de requalificação do Centro de saúde de Seia? Trata-se ou não de um investimento prioritário? Nessa eventualidade, quando presume que as obras comecem?**
- 5. Que estratégia ou ideias tem o Governo sobre o posicionamento da ULS da Guarda relativamente ao Centro Hospital da Cova da Beira e ao Hospital de Viseu, isto é, que papel pretende reservar-lhe no panorama regional?**

Palácio de São Bento, 21 de outubro de 2019

Deputado(a)s

CARLOS PEIXOTO(PSD)